

**TEORIA E DESENHO DA ARQUITECTURA EM PORTUGAL, 1956-1974:  
NUNO PORTAS e PEDRO VIEIRA DE ALMEIDA**

Tiago Lopes Dias

**autor**

José Ángel Sanz, Rui Jorge Garcia Ramos

**directores**

Universitat Politècnica de Catalunya

Escola Tècnica Superior d'Arquitectura del Vallès

Departamento de Teoría e Historia de la Arquitectura y Técnicas de Comunicación

Programa de Doctorado en Teoría e Historia de la Arquitectura

Barcelona, Maio de 2017



## ABSTRACT

A investigação que agora se apresenta como tese de doutoramento partiu de uma hipótese que pretende questionar as leituras canónicas da arquitectura portuguesa como prática essencialmente empírica e intuitiva. Essa hipótese sugere que a maturidade patente em algumas obras chave da segunda metade do século XX não é independente de uma estruturação teórica que conheceu um desenvolvimento ímpar nos anos 1960, e que permite falar sem complexos de uma “sintonia” com o debate internacional.

Fundamental para a intuição inicial de onde partiu esta hipótese foi um número da revista espanhola *Hogar y Arquitectura* (nº 67, 1968) que apresenta a geração de arquitectos portugueses nascida entre 1920 e 1940. Os artigos críticos que enquadram as obras, assinados por Nuno Portas (n.1934) e Pedro Vieira de Almeida (1933-2011), revelam, nas suas diferentes propostas metodológicas, uma nova postura em relação à crítica de arquitectura. Em ambos é ultrapassado o carácter descritivo e acessório do “texto de acompanhamento”, para dar lugar a uma construção intelectual dotada de uma certa autonomia ou operacionalidade.

A partir da obra escrita, projectada e construída destes dois arquitectos, delimitada a um período de formação e de início de actividade profissional, procuram-se estabelecer os fios condutores de um discurso eminentemente teórico que se vai revelando em teses, em edifícios de habitação colectiva ou casas unifamiliares, em investigação aplicada, em textos críticos / historiográficos, em planos urbanos, etc., e cujo desenvolvimento paralelo suscita contaminações diversas. As relações entre teoria e prática foram revelando uma dialéctica complexa que se quis respeitar neste trabalho: não se pretende ler o projecto como reflexo directo de um corpo teórico, nem este como legitimação daquele; cada um possui lógica e coerência próprias, embora sejam interdependentes.

De acordo com a actividade polifacetada dos autores em estudo, a investigação adoptou uma metodologia dividida entre a investigação de arquivo, a análise de projecto, a indagação teórica e a contextualização histórica. Sem se resumir a nenhuma delas, a tese reflecte todas estas vertentes da investigação.

Com uma organização mais temática do que cronológica, o corpo da tese está dividido em quatro partes principais, que têm como tema transversal a reflexão sobre o espaço, na sua experiência directa e quotidiana, humana e social. As quatro partes incidem nas bases teóricas expostas nas teses académicas e a paralela formação de atelier; na investigação sobre o programa arquitectónico, com ênfase no plurifamiliar e no equipamento religioso; na fundação de uma nova crítica e historiografia da arquitectura; e na reflexão sobre a cidade, nos seus aspectos processuais e morfológicos.

# PREFÁCIO

Em 1915, Teixeira de Pascoaes definiu o escritor português como alguém «muito mais espontâneo e emotivo do que intelectual», característica que imprimia um carácter muito peculiar às suas obras, nascidas directamente da Inspiração e animadas por um *íntimo calor*: elas «ganham, em expressão vivente, o que lhes falta em força dialéctica e construtora de pensamento».<sup>1</sup> No campo de estudo em que se situa o presente trabalho – a teoria e história da arquitectura –, prevaleceu ao longo do século XX uma asserção idêntica, que se podia formular com as palavras de Pascoaes: o arquitecto português é alguém *muito mais espontâneo e emotivo do que intelectual*, movido por um forte pragmatismo que o leva a suspeitar de toda a sistematização teórica.

Para a difusão desta ideia contribuíram de forma assinalável os poucos autores que se aventuraram a escrever textos relevantes para a teoria da arquitectura em Portugal. Em *A Nossa Casa* (1918), Raul Lino redige um conjunto de *apontamentos sobre o bom gosto na construção de casas simples*, definindo o *bom gosto* como «a sujeição instintiva a certas leis indefiníveis pelas quais os artistas se regem».<sup>2</sup> Na acepção de Raul Lino, a arquitectura é uma arte e como tal não possui códigos nem regras preestabelecidas, pelo que o autor se limita a exemplificar «o que com certeza é errado» e, nas questões práticas, a seguir o «bom senso».<sup>3</sup>

Em 1942, Francisco Keil do Amaral escreve um pequeno livro de divulgação sobre a evolução da arquitectura ao longo dos séculos e, no momento de afrontar a tarefa que tem em mãos, deixa-se guiar pelo conselho de uma Musa que o visita em sonhos: «não tenhas vergonha de apresentar todos os problemas de maneira fácil, leve e acessível, sem [te] armares em erudito – vício terrível que tem fornecido aos caldeirões do inferno grande contingente de portugueses».<sup>4</sup>

Já em 1955, na preparação de um livro sobre “a habitação portuguesa” (nunca terminado), Fernando Távora assume ter por diante um tema sobre o qual toda a gente *fala, sabe e sente o contacto directo*, e por isso não pretende dar mais do que «ideias gerais».<sup>5</sup> Tal como fizera Keil, Távora prepara o argumento como se estivesse a contar uma história, inventando personagens e interpelando directamente o leitor, com quem faz intenção de manter uma *conversa amena*: «procurarei elucidar-te quanto a este assunto de uma maneira fácil e simples, sem entrar em palavrões (complicados e enfadonhos)».<sup>6</sup>

Podíamos supor que nos anos 1960 a produção teórica em Portugal manteve o ritmo esporádico e o carácter ligeiro ou *suave* das décadas precedentes. Este trabalho pretende demonstrar o contrário: a hipótese da qual parte sugere que ao longo desta década a Teoria desempenha um papel preponderante na passagem dos “verdes anos” à “maturidade” da arquitectura moderna em Portugal.<sup>7</sup>

1. Teixeira de Pascoaes. *A Arte de Ser Português*. Lisboa, Assírio & Alvim, 1998 [1915], p.65-66.

2. Lino, Raul. *A Nossa Casa. Apontamentos sobre o Bom Gosto na Construção das Casas Simples*. Lisboa, Ed. Atlântida, 3ª edição, ? [1918], p.15.

3. *Ibidem*, p.20.

4. Amaral, Francisco Keil do. *A Arquitectura e a Vida*. Lisboa, Edições Cosmos, 1942, p.16.

5. Távora, Fernando. “A Habitação Portuguesa” [1955]. In: Mendes, Manuel (ed.). *Fernando Távora: Minha Casa. Vol.2: Uma porta pode ser um romance*. Porto, Fundação Marques da Silva, 2013, fascículo L, p.24-25.

6. *Ibidem*.

7. Aceitando a tese de *Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50*, dissertação de mestrado de Ana Tostões que procurava dar continuidade às pistas lançadas por outro trabalho de referência sobre o panorama artístico no Portugal dos anos 1940, de Margarida Acciaiuoli.

O primeiro sintoma é o aparecimento de uma crítica invulgarmente estruturada, informada e polémica na revista *Arquitectura*, publicação de referência na classe profissional, ainda no final dos anos cinquenta. Uma recente tese de doutoramento colocou em evidência a importância da 3ª série desta revista no meio arquitectónico português de sessentas.<sup>8</sup> O que caracterizava esta nova crítica e a distinguiu de tudo o que se tinha ensaiado antes em Portugal julgo ter ficado resumido na seguinte frase de Alexandre Alves Costa: «uma verdadeira crítica de arquitectura que pela primeira vez ultrapassou os limites da ironia folhetinesca, da análise impressiva ou da afectividade subjectiva e autobiográfica», escrita a propósito de Nuno Portas.<sup>9</sup>

Nuno Portas (Vila Viçosa, 1934) é naturalmente uma referência incontornável num estudo que pretenda aprofundar a teoria da arquitectura feita em Portugal na segunda metade do século XX. Com a maior parte da produção teórica reeditada e organizada em antologias, e com o percurso profissional exposto numa exposição monográfica, podemos ser levados a pensar que pouco haverá a acrescentar ao estudo do seu *corpus* teórico. No entanto, o que lhe sobra em reconhecimento e divulgação, falta-lhe em interpretação e estudo profundo. A exposição “O Ser Urbano: nos caminhos de Nuno Portas” (2012) apresentava uma organização cronológica dividida em sete etapas, onde as relações transversais entre as diversas actividades por onde Portas se desdobra – o que no fundo constitui a singularidade da sua *praxis* – eram pouco exploradas. A este respeito, não é estranha a forma como nasce a exposição, estruturada a partir de material trabalhado por diferentes estudantes em teses de mestrado, portanto separado e dividido em compartimentos relativamente estanques.<sup>10</sup>

No trabalho que aqui se apresenta, aceita-se o poliedro sugerido por Manuel Mendes – teoria e desenho, investigação e projecto, história e crítica, ensino e profissão – como metáfora para um *corpus* único e indivisível, e procuram-se os pontos de contacto entre essas múltiplas faces.<sup>11</sup> Um dos pontos ou “vértices” de grande complexidade pode ser traçado quando, por volta de 1964, Portas está a investigar métodos sistemáticos de projecto para habitação colectiva no Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC), a fazer a inventariação e o estudo das obras pioneiras da arquitectura moderna em Portugal, a projectar a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, e a entrar na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa (ESBAL) como professor assistente.

Dentro do panorama arquitectónico português, Nuno Portas é normalmente referido como a excepção que confirma a regra. Uma edição da revista *Hogar y Arquitectura* permitiu-me intuir que talvez não o fosse.<sup>12</sup> O texto de Pedro Vieira de Almeida (Lisboa, 1933 – Matosinhos, 2011) incluído neste número de 1967 abre um novo mundo de possibilidades para a crítica de arquitectura, com um invulgar equilíbrio entre empirismo e conceptualismo. Embora a sua situação fosse, à data de início desta investigação, oposta à de Nuno Portas – com a maior parte da sua produção escrita dispersa em jornais ou revistas generalistas e a obra pouco conhecida –, cedo me apercebi que se tratava também de um *corpus* poliédrico, igualmente complexo e díspar. A possibilidade de estudar a teoria da arquitectura em Portugal a partir da contribuição de dois autores

8. Correia, Nuno. *Crítica e debate arquitectónico na 3ª série da revista “Arquitectura” – Portugal, 1957/1974*. Universitat Politècnica de Catalunya, 2016.

9. Alves Costa, Alexandre. Nuno Portas em quatro tempos. In: Grande, Nuno (coord.). *O Ser Urbano. Nos caminhos de Nuno Portas*. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2012, p.69.

10. A exposição foi comissariada por Nuno Grande, arquitecto e professor universitário no Porto e em Coimbra. É possível encontrar diversas teses de alunos das faculdades de arquitectura destas universidades sobre aspectos variados da obra de Nuno Portas: crítica de cinema, projecto de arquitectura, crítica de arquitectura, investigação laboratorial, etc.

11. Nas antologias por si editadas em 2004: *Arquitectura(s). Teoria e Desenho, Investigação e Projecto: Nuno Portas; Arquitectura(s). História e Crítica, Ensino e Profissão: Nuno Portas* (Porto, Faup Publicações).

12. *Hogar y Arquitectura* nº 68, 1967, onde se apresenta pela primeira vez no estrangeiro a obra de Álvaro Siza, com textos de Pedro Vieira de Almeida (“Un análisis de la obra de Siza Vieira”) e de Nuno Portas (“Sobre la joven generación de arquitectos portugueses”).

2. Altar da Igreja de Olivais Sul com o motivo das “ondas da vida” (Pedro Vieira de Almeida, 1970- ... / SNIP, 1988?)



pareceu-nos não só possível como sensata. Mas colocava-se a questão: porquê dois e não três, quatro ou mais autores? Primeiro, porque a forma como ambos exploram as relações entre a prática profissional e a reflexão teórica, entre *desenho e desígnio* (Portas), não encontra paralelo geracional. Segundo, porque a inclusão de mais autores – e seria justo mencionar Carlos Duarte – poderia comprometer o estudo que se pretendia rigoroso de uma quantidade considerável de documentos, em boa parte proveniente de fontes primárias, no tempo considerado normal para este tipo de trabalhos.

Assume-se portanto que o argumento a defender pode ser estruturado com base em dois percursos singulares, distintos embora não indiferentes um ao outro, como duas linhas que nunca deixam de ser paralelas mas que se afastam e se aproximam – chegando a tocar em algum ponto – como as “ondas da vida” de Raul Lino, motivo tão caro a Pedro Vieira de Almeida. O primeiro desses pontos é o atelier de Nuno Teotónio Pereira,<sup>13</sup> o mentor que não tiveram na ESBAL e que reconhecia sempre ter sido «bastante avesso às teorias e relativamente alheio às escolas, tendências e linguagens [da] arquitectura».<sup>14</sup> Aí coincidem até meados da década de sessenta, introduzindo uma profundidade crítica que contribuiu para a afirmação do *atelier da Rua da Alegria* (como ficará conhecido) como espaço de debate e discussão. Com personalidades e ambientes familiares muito diferentes, os seus caminhos bifurcam naturalmente: com família de origens galegas e alentejanas, educação jesuíta e militância nos católicos progressistas, Nuno Portas constrói um percurso em que as oportunidades institucionais (LNEC, ESBAL, Governo) andam a par e passo com o trabalho do atelier, do qual chegará a ser sócio principal e não abandonará até 1974; educado pelo pai filósofo, professor de Lógica na Universidade de Lisboa, Pedro Vieira de Almeida milita no Partido Comunista desde a juventude, e a sua trajectória persegue um difícil equilíbrio entre o exercício liberal da profissão e a investigação com apoio institucional.

13. Embora frequentem a ESBAL ao mesmo tempo (com um ano de diferença), Nuno Portas admite não ter grande contacto com Pedro Vieira de Almeida na universidade, apercebendo-se mais tarde da coincidência de interesses que une ambos (depoimento pessoal, 31-7-2012).

14. Pereira, Nuno Teotónio. Um testemunho pessoal. In Tostões, Ana (coord.). *Arquitectura e cidadania. Atelier Nuno Teotónio Pereira*. Lisboa, Quimera Editores, p.46.

### **Objectivos, metodologia, conteúdo**

Este trabalho pretende dar um contributo ao estudo da teoria da arquitectura em Portugal, inserindo-se conscientemente numa corrente de trabalhos anteriores. Em 2002, Rute Figueiredo defendeu uma tese de mestrado sobre a arquitectura e o discurso crítico em Portugal, procurando traçar a génese do debate teórico no



âmbito nacional nos anos que antecedem as primeiras grandes concretizações da arquitectura moderna centro-europeia (1893-1918), nomeadamente a partir de algumas revistas de referência.<sup>15</sup> Este universo teórico é retomado noutra trabalho académico, precisamente a partir do ponto onde Figueiredo se detém: na publicação do livro *A Nossa Casa* (1918), de Raul Lino. Michel Toussaint procura estabelecer continuidades e descontinuidades num debate intergeracional que se estende até meados do século XX, de Lino aos primeiros arquitectos que assumem a influência do Movimento Moderno – Rogério de Azevedo, Cassiano Branco, Pardal Monteiro –, culminando na acção divulgadora de Keil do Amaral e no Iº Congresso Nacional de Arquitectura (1948).<sup>16</sup>

Gostaria de salientar as dificuldades que ambos deram conta na hora de verificar um pensamento crítico sistemático: Figueiredo refere uma «grande inconsistência, quer ao nível da acumulação dos conhecimentos teóricos dentro da disciplina, quer ao nível do debate da mesma, nunca tendo adquirido a amplitude manifesta na restante Europa», observando que o labor da crítica naquele período se resumia com frequência a um «processo opinativo», a um «juízo ligeiro» comandado pelo gosto; Toussaint deixa subentendido que entre o «romantismo do artista-arquitecto em Raul Lino, centrado na arquitectura doméstica», e o «novo entendimento do papel social da arquitectura e do arquitecto» que só a geração de Keil e as seguintes foram capazes de desenvolver, pouco se passou: os primeiros modernistas «fizeram um esforço de racionalização, mas com os limites que o sistema Belas-Artes lhes impunha».

O lapso entre finais dos anos quarenta e inícios dos sessenta tem sido preenchido por uma recente profusão de estudos sobre Fernando Távora, em que se destacam não poucas vezes os escritos e as obras produzidas entre 1947 (“O problema da casa portuguesa”) e 1962 (*Da organização do espaço*).<sup>17</sup> Chegamos portanto à década de sessenta com um pano de fundo suficientemente claro para podermos situar com maior precisão as contribuições de Nuno Portas e de Pedro Vieira de Almeida. Não se pretende, com isto, reivindicar qualquer pretensão de originalidade: a obra de ambos tem sido estudada, embora sempre parcialmente, por “sectores”. Diversos trabalhos sobre habitação colectiva dão um merecido lugar de destaque a Nuno Portas. Vale a pena referir o enquadramento de Patrícia Santos Pedrosa da sua *proposta metodológica* feita a par de uma *leitura crítica* sobre a casa,<sup>18</sup> e o escrutínio de José António Bandeirinha sobre o período “antes de Abril” que possibilitou o arranque de uma experiência como o Serviço Ambulatório de Apoio Local (SAAL).<sup>19</sup> Do ponto de vista da crítica de arquitectura, Portas foi protagonista no já mencionado estudo de Nuno Correia sobre a revista *Arquitectura*, sobretudo no capítulo dedicado à historiografia da arquitectura moderna em Portugal;<sup>20</sup> e com a sua “revisão do moderno” abre Jorge Figueira o projecto de inscrever a arquitectura portuguesa dos anos 1960-1980 na problemática noção de “pós-modernidade”.<sup>21</sup>

Quanto a Pedro Vieira de Almeida, a recuperação de alguns dos seus pressupostos teóricos fundamentais foi possível em grande parte devido à reinterpretação da obra de Raul Lino, operada a partir dos anos noventa por Irene Ribeiro e prosseguida por Rui Jorge Garcia Ramos, com repercussão ainda hoje em vários

15. Figueiredo, Rute. *Arquitectura e Discurso Crítico em Portugal (1893-1918)*. Lisboa, Edições Colibri, 2007 (apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa).

16. Pereira, Michel Toussaint Alves. *Da Arquitectura à Teoria e o universo da Teoria da Arquitectura em Portugal na primeira metade do século XX*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade Técnica de Lisboa, 2007.

17. Vejam-se as teses de doutoramento de Sílvia Cebrián Renedo, *Fernando Távora. El camino hacia la nueva modernidad portuguesa: entre “O Problema da Casa Portuguesa” y Da Organización do Espaço* (Universidad de Valladolid, 2015), Juan António Ortiz Orueta, *En el principio era Távora: itinerario para la transmisión de una síntesis arquitectónica* (Universidad Politécnica de Madrid, 2015), e ainda - embora não sendo monográfica - a tese de Hugo José Farias, *La Casa: experimento y matriz. La Casa de Ofir y la Casa de Vila Viçosa en el proceso de revisión crítica de la arquitectura moderna en Portugal*. (Universidad Politécnica de Madrid, 2011).

18. Pedrosa, Patrícia Santos. *Habitar em Portugal nos anos 1960: ruptura e antecedentes, Um caminho pelo interior do discurso*. Tese de doutoramento apresentada na Universitat Politècnica de Catalunya, 2010. Cf. capítulos 5 e 6.

19. Bandeirinha, José António. *O processo SAAL e a arquitectura no 25 de Abril de 1974*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 2007 (tese de doutoramento apresentada na Universidade de Coimbra em 2002).

20. Correia. *Crítica e Debate Arquitectónico...*, Op. cit. Cf. Capítulo 3 e Anexo 2, onde se apresenta pela primeira vez o material reunido por Nuno Portas no estudo sobre o Movimento Moderno em Portugal financiado por uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian.

21. Figueira, Jorge. *A periferia perfeita. Pós-modernidade na Arquitectura Portuguesa, anos 1960-1980*. Lisboa, Caleidoscópio, 2014 (tese de doutoramento apresentada em 2009). Cf. Capítulo 1, “*Nous continuons. A revisão do moderno*”; veja-se também: “As disciplinas científicas tomam a

arquitectura. A recepção portuguesa”, p.67-75.

22. Ribeiro, Irene. *Raul Lino. Pensador Nacionalista da Arquitectura*. Porto, Faup, 1994; Ramos, Rui J.G. *A Casa: arquitectura e projecto doméstico na primeira metade do século XX português*. Porto, FAUP, 2010 (tese de doutoramento, 2005). Cf. também as teses de doutoramento: Pereira, Paulo Manta. *Raul Lino – Arquitectura e Paisagem (1900-1948)* (Instituto Universitário de Lisboa, 2012); Rocha, Marta. *O Valor do Tempo. O programa intelectual e arquitectónico de Raul Lino* (Universidade do Porto, 2017).

23. Como procuro demonstrar neste trabalho com as posições de Bruno Zevi, Manfredo Tafuri e José-Augusto França. Tomo as expressões “investigação fundamental” e “investigação aplicada” do *posicionamento teórico genérico* apresentado por PVA em: *Dois parâmetros de arquitectura postos em surdina. Leitura crítica do Inquérito à Arquitectura Regional. Caderno 1*. Porto, CEAA, 2012 [2011].

24. Scully Jr, Vincent. *The Shingle Style: Architectural Theory and Design from Richardson to the origins of Wright* (1955); Banham, Reyner. *Theory and design in the first machine age* (1960).

25. Os integrantes do ICAT - Iniciativas Culturais Arte e Técnica, sociedade constituída em Março de 1947 – eram arquitectos vinculados à doutrina de Le Corbusier e da Carta de Atenas, nascidos por volta de 1910. O último número da *Arquitectura* editado pelo ICAT é publicado em Janeiro/Fevereiro de 1956 (nº 55/56) e anuncia uma reorganização na revista; o seguinte (nº 57/58) é já organizado por Frederico Sant’Ana, Carlos Duarte, Daniel Santa-Rita e Nikias Skapinakis, publicado em Janeiro/Fevereiro de 1957.

26. Lourenço, Eduardo. Repensar Portugal. In *O Labirinto da Saudade*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1992 [1978]. «A referência nobre é a estrangeira por mais banal que seja, e quem se poderá considerar isento de um reflexo que é, por assim dizer, nacional?» (p.72).

trabalhos académicos.<sup>22</sup>

Pretende-se agora apresentar, pela primeira vez, um estudo integrado da obra de Nuno Portas e de Pedro Vieira de Almeida. Para tal, propõe-se explorar as relações entre a teoria, enquanto *investigação fundamental*, a crítica e o projecto, enquanto *investigação aplicada*, e a história, cujas delicadas articulações são mais complexas e encontram nos anos 1960 um amplo campo de debate.<sup>23</sup> As relações entre teoria e prática ganham naturalmente algum protagonismo, uma vez que no arco temporal deste estudo ambos constroem o seu *corpus* teórico a par e passo com uma intensa actividade projectual. Algo que deixa de ser evidente a partir de 1974, ano em que a situação política, social e económica portuguesa sofre uma alteração radical com a Revolução dos Cravos, o que se faz sentir nos seus percursos: Nuno Portas integra o Iº Governo Provisório da nova era democrática como Secretário de Estado da Habitação e Urbanismo, enquanto Pedro Vieira de Almeida vê na criação dos Grupos de Apoio Técnico a oportunidade de trabalhar no interior do país, coordenando o GAT 15 de Bragança; ambas foram experiências curtas, a que se sucederam estadias no estrangeiro em Madrid e em Moçambique, respectivamente. A partir dos anos 1980, a dedicação ao ensino, na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto e na Cooperativa de Ensino Superior Artístico do Porto, coloca em segundo plano a prática de projecto. À estreita relação entre teoria e prática alude portanto o título deste trabalho, tomando a palavra *desenho* em sentido amplo e em referência a dois livros-tese do período em estudo.<sup>24</sup>

Por outro lado, fixou-se a data de início em 1956, ano em que se dá a passagem de testemunho na direcção da revista *Arquitectura*, da geração de Keil do Amaral e do ICAT para a geração de Nuno Portas, Pedro Vieira de Almeida, Carlos Duarte et al. com uma abordagem crítica muito mais exigente;<sup>25</sup> ano em que Nuno Portas publica também o seu primeiro texto de arquitectura no jornal *Encontro*. Dentro desta baliza cronológica, que corresponde a um ajustamento da década de 1960 ao contexto do estudo, procedeu-se a um mapeamento sistemático de textos e de obras, em duas coordenadas: uma associada à produção nacional e outra à produção internacional, ou se quisermos, ocidental. Estas coordenadas são complementares e estabelecem uma dialéctica que se considera fundamental, ao permitir sucessivos *zooms* que ora produzem um efeito de aproximação, focando aspectos mais idiossincráticos e até biográficos, ora produzem um efeito de afastamento, deixando entrever leituras panorâmicas. Pretende-se evitar, desta forma, quer um estudo de generalidades, quer um estudo ensimesmado. A constelação de textos de que nos socorremos não podia excluir aqueles cuja influência directa em Nuno Portas e Pedro Vieira de Almeida está documentada – por correspondência com Bruno Zevi, Philip Thiel, Edward Hall, apenas para citar alguns nomes –, mas quis incluir também, de uma forma mais selectiva e subjectiva, outros textos a partir dos quais se ensaiam, por conjectura, aproximações diversas à produção de ambos.

Espera-se que o uso de um referencial mais vasto não seja interpretado como reflexo da maleita que Eduardo Lourenço considerou tipicamente portuguesa, a *delirante curiosidade por tudo o que vem de fora*,<sup>26</sup> mas ajude a situar e a

valorizar a produção nacional dentro de um contexto internacional, sem com isso pretender entrar na eterna questão da *desfasagem cultural* portuguesa. Complexos de inferioridade à parte, é certo que focamos um período em que a circulação de informação começa a romper naturalmente fronteiras, algo que Portas e Vieira de Almeida usam em seu proveito, de acordo com uma consideração da teoria da arquitectura como corpo relativamente autónomo, construído a partir de diversas contribuições continuamente reelaboradas e reformuladas, corrigidas e adaptadas, num processo transgeracional e transnacional, embora não transcultural.

A investigação de arquivo, feita maioritariamente em instituições públicas,<sup>27</sup> compensou as limitações que se nos antepuseram a uma consulta dos arquivos pessoais de Nuno Portas e de Pedro Vieira de Almeida. Por diferentes motivos, estes encontram-se dispersos ou sem um tratamento sistematizado, e dada a impossibilidade de proceder à sua organização nos prazos em que nos propusemos cumprir este trabalho, optou-se por uma consulta muito pontual.<sup>28</sup> A investigação permitiu complementar informação já coligida e trabalhar material praticamente inédito: do primeiro caso, destaco o Forte de Sacavém do SIPA/IHRU, onde está depositado o espólio do atelier de Nuno Teotónio Pereira, consultado selectivamente com o intuito de complementar a informação coligida para a exposição monográfica de 2004,<sup>29</sup> sobretudo desenhos de processo e memórias descritivas dos projectos mais relevantes para este estudo; do segundo caso, destaco o arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian, onde se encontram os processos relativos às bolsas de estudo, e o Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado, que possui toda a informação da arquitectura religiosa construída nos últimos 55 anos, entre a qual os concursos da sé de Bragança e da igreja de Olivais Sul.<sup>30</sup> Este material, seleccionado em parte para um anexo documental, constitui uma das fontes primárias deste trabalho, juntamente com os textos e as obras chave do período: Casa de Vila Viçosa, Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Piscinas das Marés em Leça (Álvaro Siza), o “Franjinhas”, Igreja de Olivais Sul.

A estrutura da tese que agora se apresenta consiste em quatro partes organizadas segundo debates específicos. Por não se querer separar os âmbitos dos debates nacional e internacional, possui uma lógica predominantemente temática, embora aceite uma natural progressão cronológica. Esta questão justifica a opção de não abordar em capítulo próprio obras de reconhecida importância como *A arquitectura para hoje* (1964) e *A cidade como arquitectura* (1969) de Nuno Portas: ambas são um testemunho dos problemas e preocupações que estavam em cima da mesa nos anos sessenta, e por isso são transversais a diferentes debates. Alguma falta de sistematicidade é notória sobretudo na última, cuja influência reconhecida de *Il territorio dell'architettura* (1966) de Vittorio Gregotti pode ajudar a explicar. De uma forma mais sintética, a tese é constituída por:

*I. O ESPAÇO SOCIAL. Os anos de formação e o atelier de Nuno Teotónio Pereira*, formado por três capítulos. Os dois primeiros analisam e contextualizam as teses – Concurso para Obtenção do Diploma em Arquitectura (CODA) – apresentadas

27. À excepção do arquivo pessoal de Oriol Bohigas e da consulta da biblioteca pessoal de PVA, facilitada por Maria Helena Maia.

28. O arquivo de PVA encontra-se maioritariamente entre as suas casas de Lisboa e do Porto, ainda por catalogar, mas uma parte ficou irremediavelmente perdida quando o seu escritório em Lisboa ruuiu. No caso de NP, o seu “arquivo” está dividido por diferentes instituições, e inclusivamente a sua biblioteca de arquitectura e urbanismo foi doada à Universidade do Minho.

29. Comissariada por Ana Tostões e João Afonso para o Centro Cultural de Belém (Junho – Outubro de 2004). O catálogo da exposição foi editado no mesmo ano (*Arquitectura e Cidadania*, Op. cit).

30. O SNIP foi extinto em 2014. O acesso a uma parte do arquivo foi possível devido a Diogo Lino Pimentel, até então máximo responsável por este serviço.



no Porto, situando o debate em torno da revisão espacial proposta por Bruno Zevi. A noção de *espaço social*, embora vinculada à concepção zeviana de espaço orgânico, tem evidentes pontos de contacto com a pesquisa do Team 10, particularmente de Alison e Peter Smithson e de Aldo van Eyck. O terceiro capítulo desdobra este debate em três variações (*empatia, realismo e identidade*) com protagonismo para a noção de “espaço-transição”, desenvolvida por Pedro Vieira de Almeida. Ao longo desta primeira parte são destacadas as relações com Nuno Teotónio Pereira e com o meio cultural da revista *Arquitectura*, onde Portas participa activamente.

**II. DA CONCEPÇÃO DO ESPAÇO.** *O programa como campo de investigação* aborda um dos grandes debates dos anos sessenta: a procura de bases científicas para a arquitectura *versus* a defesa da autonomia disciplinar. De certa forma, as posições de Nuno Portas e de Pedro Vieira de Almeida reflectem estas duas vias, que serão analisadas de acordo com as investigações conduzidas respectivamente no LNEC (capítulo 4) e por financiamento da Gulbenkian (capítulo 5). A par da habitação colectiva, protagonista nestes dois capítulos, o equipamento religioso é o outro grande programa deste período, sobre o qual incidirá o capítulo 6. Liberto das restrições económicas e funcionalistas da habitação, o espaço de culto permite uma investigação projectual que funcionará como seu contraponto. Centrado no *magnum opus* do atelier de Teotónio Pereira – a igreja do Sagrado Coração –, este capítulo recupera também as propostas de Vieira de Almeida realizadas fora desse espaço de trabalho.

**III. DA LEITURA DO ESPAÇO.** *A escrita como pensamento arquitectónico*, explora as relações entre a teoria, a crítica e a história da arquitectura. Corpo central da tese, apresenta numa primeira parte as diferentes estratégias utilizadas na elaboração e na instrumentalização da crítica de arquitectura, como lançamento de uma nova geração profissional no país e no estrangeiro, primeiro em Espanha e com maior incidência na Catalunha, depois em Itália (Portas, capítulo 7); e na agitação do meio cultural português através de uma crítica polémica e comprometida, que ao mesmo tempo reivindica uma condição criativa, não só de questionamento directo das obras mas também de ampliação dos seus horizontes (Vieira de Almeida, capítulo 8). Por outro lado, procura analisar como, sob diferentes circunstâncias de investigação, ambos interpellam a história da arquitectura sob um ponto de vista simultaneamente operativo e crítico, i.e. como reflexo de uma problemática actual e como reformulação dessa mesma problemática (capítulos 9 e 10).

**IV. DO ESPAÇO URBANO.** *A cidade como reflexão teórica*, pretende alargar o debate a questões mais directamente relacionadas com a cidade e a sua vivência, desde logo pelo direito à habitação. O capítulo 11 incide no problema da “habitação para o maior número” e nos seus aspectos mais processuais, e aborda o estudo coordenado por Nuno Portas que de certa forma culmina uma linha de investigação do LNEC. O último capítulo analisa os planos para novas zonas residenciais de Lisboa destinadas à classe média – Restelo e Telheiras –, na sua conformação tipo-morfológica e nos seus aspectos estratégicos. Coincidem com um novo empenho de Nuno Portas no atelier da Rua da Alegria e com

uma fase de grande afirmação profissional de Pedro Vieira de Almeida.

### 1956-1974: breves notas contextuais

No cenário desolador do pós-Segunda Guerra Mundial, Nigel Henderson começou a fixar em imagens a vida que espontaneamente se desenvolvia no bairro operário de Bethnal Green, no East End de Londres, onde vivia. A sua mulher Judith Stephen, socióloga, antropóloga e responsável por levar a cabo o projecto de investigação *Discover your neighbor* com o propósito de estudar as relações comunitárias, ter-lhe-á despertado o interesse pela vida das ruas. Resultado de vários anos de deambulação por Bethnal Green, as fotografias de Henderson acabaram por ter um impacto significativo nos jovens arquitectos Alison e Peter Smithson, ao ponto de os levar a incluir uma pequena selecção no painel apresentado pela comitiva inglesa no 9º Congresso Internacional de Arquitectura Moderna (CIAM).<sup>31</sup>

O que ficou conhecido como *Urban Re-Identification Grid* era um manifesto que pretendia questionar o esquematismo funcionalista da Carta de Atenas e a sua omissão voluntária de uma complexidade intrínseca ao ser humano, à forma como se relaciona com os demais e se equilibra entre a esfera individual e a esfera colectiva. As fotografias de Henderson revelavam a espontaneidade própria dessas relações humanas num bairro violentamente bombardeado durante a guerra e longe de estar reconstruído, em situações variadíssimas: num café, num passeio, na soleira de uma porta ou nas suas escadas de acesso, num descampado. O seu olhar perscrutador devolvia à percepção consciente situações de um quotidiano familiar, depreciado talvez pela sua familiaridade. Esta ideia seria mais tarde reclamada pelos Smithson como *modus operandi*, com uma terminologia que fazia referência a um círculo de artistas de quem foram próximos:

Em arquitectura, a estética do *as found* era algo a que pensávamos ter posto nome no início dos anos 1950 quando conhecemos o Nigel Henderson e vimos nas suas fotografias um reconhecimento perceptivo da realidade que havia ao redor da sua casa de Bethnal Green (...). O *as found* era uma nova forma de ver o ordinário, uma evidência de como as “coisas” prosaicas podiam revitalizar a nossa actividade inventiva.<sup>32</sup>

As fotografias de Henderson partilhavam a quadrícula do painel com um projecto dos Smithson, o conjunto residencial de Golden Lane (concurso, 1952) estruturado por galerias contínuas a diferentes níveis, designadas *streets-in-the-air*. Como observou Reyner Banham, o que diferenciava esta solução de outras estudadas por Le Corbusier e Ludwig Hilberseimer não era uma questão formal, mas a essência que presidia às galerias: «pretendiam funcionar sociológica e psicologicamente como a rua, que nas zonas operárias britânicas é o principal fórum público de discussão, o tradicional recreio das crianças e o único espaço público disponível para reuniões massivas e sociabilização a grande escala».<sup>33</sup> Quando este Congresso terminou, a ruptura entre a geração fundadora dos CIAM e a nova geração que teve oportunidade de participar em grande número

31. Alison e Peter Smithson integram o *Modern Architectural Research Group* (MARS Group, ala inglesa do CIAM) pela primeira vez em 1953, para o CIAM de Aix-en-Provence que decorre em Julho desse ano.

32. Smithson, Alison. *The As Found and The Found*. 1990. In Robbins, David (ed.). *El Independent Group: La postguerra británica y la estética de la abundancia*. València, IVAM Centre Julio González, 1990, p.201. O *as found* como arte de recolher e (re)utilizar, fazia referência ao trabalho do escultor Eduardo Paolozzi, que juntamente com os Smithson e Nigel Henderson organizou a exposição *Parallel of Life and Art* (1953) no Institute of Contemporary Arts de Londres.

33. Banham. *The New Brutalism. Ethic or Aesthetic?* Stuttgart and Bern, Karl Kramer Pub., 1966, p.42.

e de forma particularmente activa tornou-se evidente. No centro da discórdia estava a redacção da *Chartre de l'Habitat*, central na ordem dos trabalhos, mas para a qual não houve nenhuma proposta concreta. Num documento escrito cinco meses depois do Congresso, o grupo inglês considerava que o aspecto mais positivo do encontro tinha sido «contactar com pessoas que enfrentam os mesmos problemas e nos quais se presente uma afinidade nos métodos e objectivos de trabalho».<sup>34</sup> As afinidades foram sobretudo com os holandeses Aldo van Eyck e Jaap Bakema, que já tinham feito importantes intervenções nos CIAM do pós-guerra, antecipando a contestação à sobrevalorização do papel de “função” na cidade moderna (Bridgwater, 1947). No primeiro encontro de reflexão sobre o CIAM 9, os Smithson reúnem-se com Bakema e Aldo van Eyck, entre outros, e redigem um documento onde propõem uma nova forma de pensar o urbanismo, a partir de comunidades com diferentes graus de complexidade e escalas de associação.<sup>35</sup> Este método de trabalho validaria o estudo das associações humanas como princípio fundamental de toda a forma construída, por oposição ao método analítico da Carta de Atenas, que na opinião dos presentes não estava a produzir cidades de qualidade.

Mais tarde, quando se prepara um documento de orientação para o próximo CIAM – já oficialmente a cargo da nova geração – com instruções para todos os grupos de trabalho, é sublinhada a necessidade de abandonar os métodos diagramáticos a favor do estudo das comunidades tal como existem e mutuamente se influenciam. Insiste-se no absurdo de ver «as formas e os padrões provenientes do movimento da cidade-jardim ou do racionalismo dos anos 1930 repetidos continuamente, em contradição com o clima, o habitat humano, a localização e o senso comum», e esclarece-se:

Foi por isso decidido formular uma maneira de pensar que considerasse cada problema do Urbanismo como uma entidade, como uma forma única de Associação Humana num particular tempo e lugar. Isto pode ser considerado um conceito ecológico de Urbanismo, um conceito de evidente valor quando lidamos com o problema do Habitat.<sup>36</sup>

Dentro desta concepção “ecológica”, que os Smithson vão sintetizando de diferentes maneiras – *uma cidade é um padrão de associação específico, um padrão único para cada povo, para cada lugar e para cada tempo* –,<sup>37</sup> decorre em 1956 o CIAM 10. A comitiva portuguesa participa com um plano para uma comunidade rural no nordeste transmontano, respondendo assim a uma das quatro escalas de associação que o Team 10 tinha proposto serem estudadas (a construção isolada, a aldeia, a cidade, a metrópole). À excepção de Viana de Lima, todos os membros estavam envolvidos no Inquérito à Arquitectura Regional portuguesa, um trabalho de campo iniciado apenas um ano antes, em 1955, por seis equipas que percorriam o território continental para estudar as formas de organização e de construção vernaculares, populares ou anónimas: Fernando Távora no Minho e Douro Litoral, Octávio Lixa Filgueiras, Arnaldo Araújo e Carlos Carvalho Dias em Trás-os-Montes, precisamente.

34. Assinado por A. e P. Smithson, W. e G. Howell e John Voelcker, 18 Dezembro de 1953. In: Smithson, Alison (ed.). *The emergence of Team 10 out of CIAM: Documents*. Londres, Architectural Association, 1982, p.10.

35. Conhecido como “Manifesto de Doorn”, em referência à cidade onde se reuniram os Smithson, Bakema, A. van Eyck, John Voelcker, H. van Ginkel e Hovens Greve em Janeiro de 1954. Cf. *The emergence of Team 10...*, p.28-34. Mais tarde, os Smithson descreveriam este documento como uma declaração de guerra aos métodos de pensamento estabelecidos sobre a habitação e o urbanismo.

36. Documento intitulado “*Draft framework 4. CIAM X. Instructions to Groups*”, não assinado e não datado (possivelmente de finais de 1954). In: *The emergence of Team 10...*, p.38-41. A citação é retirada da 1ª página do documento.

37. Em artigos divulgados em revistas de arquitectura, sobretudo na *Architectural Design* devido à cumplicidade com o editor Theo Crosby. Vejam-se por exemplos os artigos “The built world: urban reidentification” e “An alternative to the garden city idea” (*Architectural Design*, Junho 1955 e Julho 1956).

Reyner Banham observaria, a propósito destes anos de intensa actividade de Alison e Peter Smithson, que os seus métodos de pensamento não eram opostos aos dos divulgadores do *Picturesque*, o movimento britânico revivalista difundido pela *Architectural Review* de Nikolaus Pevsner e J. M. Richards. Embora os resultados fossem visualmente distintos, senão discrepantes, a base da qual partiam era semelhante: ambos rejeitavam os princípios do planeamento *Beaux-Arts* tanto quanto a axialidade de um plano Voisin e procuravam métodos pragmáticos que permitissem e fomentassem o crescimento das comunidades, *open-ended*. «É difícil ver em que verdadeiramente difere a insistência dos Smithson em “aceitar as realidades de cada situação” levada a cabo no seu projecto para Berlim [1958] do apelo do *Picturesque* para em tudo “consultar o génio do lugar”», escreve Banham.<sup>38</sup> Anos mais tarde, volta a referir essa *tradição moderna* «com várias designações em tempos diferentes» – e lugares diferentes – que descrevia como «uma amálgama de contraste e surpresa pitoresca, com um respeito circunspecto (e normalmente sentimental) por aquilo que a fase italiana do movimento teria descrito como *ambiente preexistente*, acrescentado de valores como a reutilização, a reabilitação e assim por diante. Acima de tudo, era não colocar caixas de vidro standardizadas por todo o lado».<sup>39</sup>

No seu estilo peculiar, Reyner Banham punha em evidência uma das reacções mais fortes e generalizadas do meio arquitectónico à devastação europeia causada pela II Guerra Mundial: a predisposição a valorizar as particularidades de cada contexto, a incluir na noção de “funcionalismo” todas as contradições e confusões da realidade, a extrair lições da arquitectura espontânea, anónima ou *sem arquitectos* – assim a expõe o MOMA em 1964 –,<sup>40</sup> a perscrutar a vida das cidades e dos seus habitantes, possibilitando a recuperação das teorias de Patrick Geddes,<sup>41</sup> em suma, a valorizar a presença humana, os seus movimentos e acções dentro dos edifícios em detrimento da composição formal dos mesmos, algo com que o próprio Banham caracteriza o *Novo Brutalismo* em 1955.<sup>42</sup> Estes aspectos convergem portanto na reivindicação de uma aproximação mais humana e pragmática aos problemas do urbanismo e da habitação. Os estudos da vida quotidiana, a que se dedica o sociólogo Paul-Henry Chombart de Lauwe nos bairros operários de Paris, levando a cabo inquéritos ou desenhando mapas das deslocações diárias dos trabalhadores,<sup>43</sup> são também reflexo de uma nova forma de abordar a cidade.

Este é o contexto que permite igualmente a Bruno Zevi divulgar com sucesso os princípios da *arquitectura orgânica*, que estuda e visita durante a sua estadia nos Estados Unidos da América, coincidindo com a guerra na Europa. Através do seu *corpus* teórico e das revistas *Metron* e *L'Architettura. Cronache e Storia*, por si editadas, Zevi difunde uma arquitectura em harmonia com a Natureza, enraizada na terra, onde o espaço ganha protagonismo vinculado à presença humana, à escala e ao movimento do homem. Os valores sociais que atribui à arquitectura orgânica contribuem para que a sua recepção seja particularmente expressiva em Itália, Espanha e Portugal, e possa ser apreciada fora de uma expressão autoral singular. “No son genios lo que necesitamos ahora”, parece referir-se a este aspecto José Antonio Coderch, arquitecto de filiação orgânica

38. Banham. *The New Brutalism. Ethic or Aesthetic?* p.74. No texto *Cluster city*, escrito por ocasião do concurso, os Smithson afirmam: «continuamos a ser funcionalistas e a aceitar a responsabilidade pela comunidade como um todo, mas hoje a palavra funcional não tem apenas um significado mecânico como tinha há trinta anos atrás. O nosso funcionalismo passa por aceitar as realidades do contexto, com todas as suas contradições e confusões, e tentar fazer alguma coisa com elas» (*Architectural Review*, nº 730, 1957).

39. Banham. Grass above, glass around (1977). In *A critic writes*. Berkeley, University of California, 1996, p.209.

40. “Architecture Without Architects”, comissariada por Bernard Rudofsky (Nov.1964 - Fev.1965) com catálogo por si editado com o mesmo título.

41. As escalas de associação foram sintetizadas num diagrama (“valley section”) inspirado no trabalho de P. Geddes, biólogo que mais tarde estudaria a transformação das comunidades humanas, para o que defendia um estudo «com a mesma intensidade com que o biólogo perscruta as relações do indivíduo e da raça em evolução» (Cf. *Cities in Evolution*, 1915).

42. The New Brutalism. *Architectural Review*, nº 708. Londres, Dezembro de 1955, p.355-361.

43. de Lauwe, P.H. Chombart. *La vie quotidienne des familles ouvrières*. Paris, CNRS, 1956.

44. Coderch, José Antonio. No son genios lo que necesitamos ahora. *Domus*, Novembro de 1961.

45. Cf. *L'Architettura*, nos 1-6. Nas palavras de Zevi, este estudo de Eglio Benincasa «ilumina uma situação histórica e psicológica de antiga génese que os arquitectos modernos começam apenas hoje a descobrir e não sabem ainda abraçar sem artificialidade» (*L'Architettura* nº1, p.4, 1955).

46. No mesmo número em que publica o texto de Coderch “No son génios...” Carlos Flores, editor da *Hogar y Arquitectura*, anuncia o início da publicação de uma série sobre arquitectura anonima «que irá apresentando aspectos valiosos de diversas obras arquitectónicas que não têm sido, até ao momento, objecto da atenção que merecem». Cf. *Hogar y Arquitectura* nº 42, 1962, p.51.

47. Parafrazeio o texto de Coderch “No son genios...” Op. cit.

48. Venturi, Robert. *Complexity and contradiction in architecture*. Nova Iorque, MOMA, 1966.

49. Alexander publica a sua tese em 1964, graças ao apoio de uma bolsa da Ford Foundation (*Notes on the synthesis of form*, Harvard University Press). A tese de Eisenman, que o próprio admite construir-se *contra* a de Alexander, é defendida em 1963, mas apenas conhece uma publicação integral em 2006 (*The formal basis of modern architecture*, Lars Muller).

50. Argan. Sul concetto di tipologia architetonica (1962, traduzido ao inglês por J. Rykwert em: *Architectural Design*, Dezembro de 1963). Rossi. *L'architettura della città*. Veneza, Marsilio Editori, 1966.

51. Cf. Vers une “casbah” organisée... *Forum*, VII, 1959-1960, p.248-249 (editada por Aldo van Eyck, Jaap Bakema, Herman Hertzberger et al.); Turner, John. The Squatter settlement: an architecture that works. *Architectural Design*, VIII, Agosto de 1968, p.355-360.

52. Transformations in modern architecture, Fevereiro – Abril de 1979. A 3ª secção era dedicada à arquitectura vernacular. Cf. catálogo da exposição: Drexler, Arthur. *Transformations in modern architecture*. Nova Iorque, MOMA, 1979.

e apreciador da arquitectura vernacular e dos seus aspectos intemporais e perenes.<sup>44</sup> De facto, a recuperação de um interesse mais antropológico e menos formal pela arquitectura vernacular, que podemos apreciar em secções temáticas que diferentes revistas vão dedicando às arquitecturas sem arquitectos – *architettura spontanea*, *Il Mezzogiorno*,<sup>45</sup> *architettura anonima*,<sup>46</sup> etc. –, decorre em paralelo com a divulgação da arquitectura orgânica. Em Portugal, o Inquérito à Arquitectura Regional, publicado em 1961, testemunha o compromisso da nova geração de arquitectos com *a terra em que têm raízes* e com *os homens que melhor conhecem*,<sup>47</sup> e põe em crise a figura do génio distante, que sobrevoa o território *à vol d'oiseau*. Agora, palmilha-se a terra com os próprios pés.

Ao longo dos anos 1960, o interesse pela arquitectura corrente e popular mantém-se, e sobretudo pela vitalidade que caracteriza a maior parte destes ambientes. *Main Street is almost alright*, dirá Robert Venturi.<sup>48</sup> Mas ao mesmo tempo, a disciplina conhece uma densificação teórica assinalável, com contribuições que vinculam a prática a uma base científica precisa ou a uma construção intelectual autónoma. As teses de Christopher Alexander e de Peter Eisenman, desenvolvidas praticamente ao mesmo tempo, abrem dois caminhos opostos, ambos muito influentes, relacionados com o processamento lógico-matemático de dados de um programa e com as regras sintácticas da arquitectura.<sup>49</sup> O primeiro caminho tende a admitir os *inputs* que chegarão de disciplinas cada vez mais diversas – a sociologia, a psicologia, a semiótica, etc. –, integrando-os num sistema coerente. O segundo procura blindar-se a essa “invasão disciplinar” e construir uma lógica interna. A recuperação dos estudos tipológicos, primeiro por Giulio Carlo Argan e depois por Aldo Rossi,<sup>50</sup> vai contribuir também para que a arquitectura seja progressivamente encarada como um processo lógico com autonomia própria. Por outro lado, o discurso tipológico vem sustentado por uma refundação da história, que conhece contribuições muito diferentes das de Rossi e Argan através de Robert Venturi, Bruno Zevi, Manfredo Tafuri e, em Portugal, José Augusto França.

Na viragem das décadas de 1960 para 1970, o estalido social permite que investigações relativamente marginais sobre a iniciativa popular de autoconstrução e de autogestão sejam recebidas como novas saídas para a prática disciplinar, sobretudo para o problema das periferias dos grandes centros urbanos. Tal como sucedera no final dos anos 1950, quando uma facção do Team 10 revalorizou o *Casbah* como exemplo de uma arquitectura que constrói comunidade, as *barriadas* de Lima são apresentadas por John Turner como *arquitectura que funciona*, sobretudo a nível social.<sup>51</sup> Mas a década de setenta acaba por ser marcada por uma reacção multiforme às interpretações lógico-científicas da arquitectura que se caracteriza por uma celebração formal, por vezes com acento tecnológico, que tende inexoravelmente para a forma escultórica. Este aspecto é realçado por autores que se debruçaram sobre o período que estamos a analisar. Arthur Drexler apresentou no MOMA uma exposição sobre o período 1959-1979 organizada em três secções principais, duas dedicadas à arquitectura “como invenção de forma escultórica” e “como forma estrutural”.<sup>52</sup> Bruno Zevi celebra o 25º aniversário da sua *Storia dell'architettura moderna* (1950) com um tom



bastante mais pessimista, ao considerar que nenhuma das correntes vanguardistas ou revivalistas resolveram as questões inerentes à crise do racionalismo:

[O]s anos 50-70 manifestam-se extraordinariamente ricos de obras, plenos de hipóteses e temas provocatórios, mas terrivelmente dispersivos. (...) Muito mais do que em 1950, o balanço mostra-se em 1975 obscuro e desconcertante. Este quarto de século facetou e aprofundou todos os problemas comunitários, artísticos e tecnológicos com indubitável perspicácia, mas extremando a tendência para verificar as propostas antes de as ter desenvolvido e trazendo consigo desorientações que correm o risco de favorecer golfadas de academismo ou comprazimentos agnósticos.<sup>53</sup>

53. Zevi, Bruno. *História da arquitectura moderna*. Lisboa, Arcádia, 1979, p.603. Em 1975, Zevi publica uma edição revista e aumentada onde inclui o capítulo “A terceira época: itinerários dos anos cinquenta-setenta”.